

# O PANORAMA.

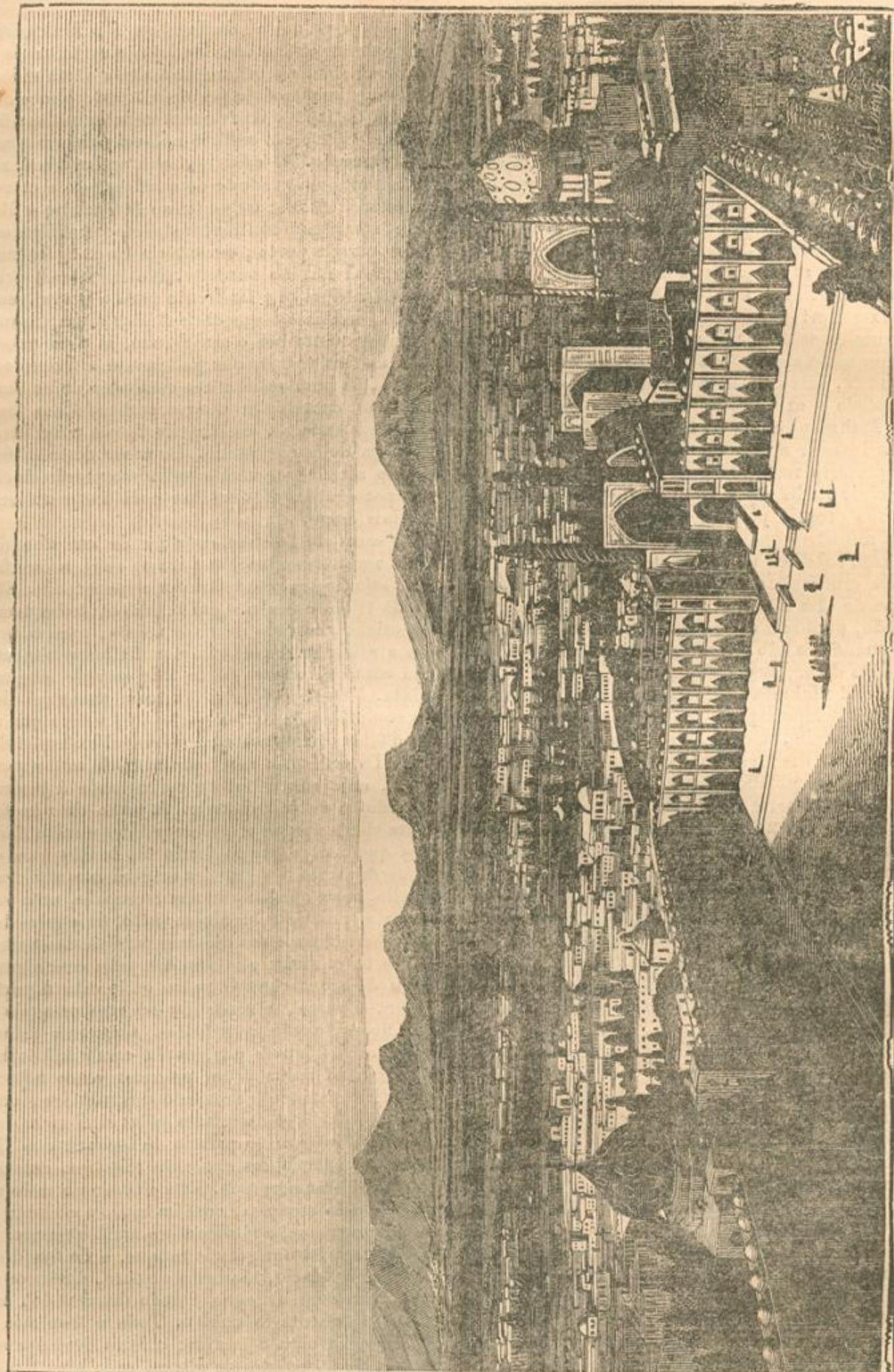
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis.

59)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (JUNHO 16, 1838)



ISPAHAN, CIDADE DA PERSIA.

## ISPAHAN E OS PERSAS MODERNOS.

ISPAHAN cidade principal da província persa de Irak foi por muitos séculos capital de toda a monarquia, e sobrepujava em magnificência as demais cidades de uma região tão opulenta; porém hoje acha-se decaída do antigo esplendor, e já não é sede da monarquia. Merece ainda comtudo a admiração do viajante. Esta cidade que uns querem que surgisse das ruínas de Hecatopolis, metrópole do antigo reino dos parthos, e outros que seja a Aspadana do geographo Ptolomeu, foi uma praça respeitável no tempo dos califas de Bagdad, que conquistaram a Persia e forçaram os habitantes a abraçarem a sua religião. Quando Tamerlão invadiu a Persia, rendendo-se com promptidão, escapou à cholera do vencedor, que impôz uma pesada contribuição aos seus habitadores, os quais como se revoltassem e matassem em uma só noite perto de três mil tartaros, que compunham a guarnição da cidade, pagaram mui cara a sua ousadia, por quanto Tamerlão, apesar da desesperação com que se defenderam, escalou as muralhas, e não só permitiu o roubo e a carnificina, mas ordenou que cada soldado lhe trouxesse certo número de cabeças: dizem não serem menos de setenta mil as de que formou pyramides, como monumento da sua feroz vingança.

Em 1722, reinando o Shah sultão Hussein, depois de derrotado o exército persa, n'uma batalha campal por Mahmoud chefe da tribo dos Afghans, dispôsse este a investir a cidade, mas tendo-lhe falhado um ataque preferiu reduzi-la pela fome. O sultão estava ao princípio inclinado a confiar aos armenios a defesa da sua propria pessoa; todavia era tal a inépcia dos seus ministros que mandaram desarmar estes fieis e belicosos subditos no momento mais crítico. Dois meses de cruelissima fome obrigaram os cercados a nutrir-se de cães e outros animaes, a que teem grande aversão, porque a sua religião os considera imundos; e quando os não tiveram, sustentaram-se de cascas e folhas de arvores, de couro cosido, e até de carne humana! Mahmoud cujas propostas de paz tinham sido n'outro tempo rejeitadas, recebeu então uma da parte de Hussein, à qual respondeu que o sultão já não era senhor das tres províncias que lhe promettia com tanta generosidade, e que já não se tractava senão de decidir a sorte do imperio inteiro.

Finalmente aos 21 de Outubro saiu o rei vestido de lucto pelas principaes ruas, deplorando em alta voz as calamidades do seu reinado; e no dia seguinte abdicou, e seguido de 300 soldados e de alguns nobres, partiu para o campo de Mahmoud, que em 1729 perdeu a cidade, a qual foi tomada pelas tropas do celebre Nadir que depois subiu ao trono da Persia.

E mui curiosa a historia d'um pequeno monumento d'Ispahan chamado a torre do Shatir ou do andarilho.

Um antigo rei da Persia tinha promettido dar sua filha por esposa a quem corresse a pé adiante d'elle quando fosse acavallo de Schiraz a Ispahan. Um dos seus shatires aceitou a oferta e esteve a ponto de desempenhar a tarefa, porém quando ia a tocar a metade da corrida, onde ora existe a torre, o rei temeroso de se ver obrigado a faltar à palavra recorreu ao expediente de deixar cair o seu chicote. O corpo desse homem estava ligado de tal modo que no instante em que parasse morreria irremissivelmente. Não o ignorava elle, e lembrando-se de apanhar o chicote com o pé, pegou depois n'elle com a mão e apresentou-o ao monarca, o qual ainda mais sobresaltado atirou ao chão com o seu anel. O pobre shatir viu que a sua sentença estava proferida, resignou-se, e exclamou: "Faltas-te, o rei, à tua palavr'a; todavia,

até o ultimo momento te darei provas da minha obediencia." Parou, levantou o anel, e expirou.

As ruas de Ispahan não diferem muito das das outras cidades da Persia, mas teem mui pouca semelhança com as das capitais europeas. As mais d'ellas são estreitas, enlameadas, e tortuosas. Todas as mercadorias se acham nos bazares, que são as paragens mais gratas aos forasteiros, e tão extensos que se podem andar duas ou tres milhas por baixo dos seus tectos.

A praça principal de Ispahan é o Maidan-Shah, antigamente circundada de lojas e considerada como um dos primeiros ornamentos desta vasta cidade; o seu comprimento é de perto de 3:900 palmos e a sua largura de 1:050. Guarnece cada lado duas fileiras de arcadas, e é um edifício notável pela sua grandeza e construcção. O edifício, que acaba n'um zimborio, situado ao nordeste do quadrangulo é a mesquita de Looff Allah; o que jaz ao sudoeste, e o Mesjed-Shah, sumptuoso edifício construído por Abbas o grande. A grande porta, ou antes a torre de entrada do bazar real fica ao noroeste. No lado mais proximo da balaustrada que faz frente para a praça, um alto eirado, indica o lugar onde Abbas o grande mandava antigamente pôr o seu trono, já para passar revista ás suas tropas, que galopavam e faziam escaramuças, já para assistir aos combates de animaes ferozes, ou contemplar o povo ocupado nos jogos da sua predilecção, e alardeando forças e agilidade na presença do seu soberano. Do cume deste edifício se espreia a vista por uma amplissima porção da cidade, mas por ventura fôra melhor para o espectador vê-la de mais longe.

As casas de Ispahan constam de um só andar, e raras vezes teem janellas para as ruas, o que faz que estas sejam geralmente tristes e monotonas. São feitas de tijolo e acabam em terrados; todas teem um pateosinho, cercado de altos muros, para o qual dizem a maior parte dos quartos, fechados sómente por uma cortina, que se deixa cair quando ninguem os habita. Mas se as habitações teem pouco pé direito, são compostas de tantas partes diferentes que a menor d'ellas ocupa uma considerável extensão de terreno. De ordinario não teem entrada senão por uma porta, cuja magnificência corresponde á jerarchia e á condição do proprietário. A porta de um homem pobre chega apenas a quatro palmos e meio d'altura, e ha quem diga que as fazem tão baixas para obstar a que os servos dos grandes entrem por alli dentro a cavallo, coisa que fariam sem escrúpulo, uma vez dispostos a praticarem algum acto de opressão. As casas dos nobres e dos officiaes publicos são comumente magnificas, e podem competir com alguns palácios do monarca. O pateo onde está a porta exterior, é vasto, e repartido em ruas as quais adornam flores, e refrescam fontes. Com este pateo confinam os principaes quartos da casa, habitados por homens; ao redor d'um pequeno pateo adjacente, porém inteiramente separado do primeiro, estão os quartos interiores ocupados pelas mulheres.

O mais esplêndido palacio de Ispahan é o Thehel-Sitson ou palacio das quarenta pilas, construção de Shab-Abbas o grande. Está situado no meio d'uma praça muito espaçosa, contém muitos *chenars*, espécie de sycomoros, e retalham-no muitos canaas. Diante da praça ha um grande tanque, e do fim d'elle se eleva o palacio, tão bello e nobre, dizem os nacionaes, que nem á lingua é dado descrever-lo, nem a pincel representa-lo qual é. Toda a frontaria deste edifício olha para o jardim; o tecto descansa em columnas de 60 palmos de altura, cada uma das quais se eleva d'entre quatro leões de marmore branco;

arabescos formados de espelhos, douraduras, e pinceladas enfeitam os troneos das columnas, que em tais bases reposam, e obedecendo aos caprichos do perito architecto, formam espirais enlaçados, festões dourados, florões, ou estrelas. Os ornatos do tecto são do mesmo gosto e de admirável magnificencia e louganha. Cobre o sobrado um tapete tecido dos mais ricos materiaes, e contemporaneo do edificio.

Encontra-se grande discrepancia nos geographos relativamente à populación de Ispahan; querem alguns que em 1800 fosse de 100:000 almas. Os habitantes desta cidade são espertos e intelligentes, e diferem muito nas accções e no carácter das das cidades circumvisinhas. Quasi todos os homens que não são da infíma relé, sabem ler e escrever; os homens de officios e os logistas são ás vezes tão familiarisados com os poetas da sua predilecção, como os magnates. O povo é em geral activo e industrioso, mas dizem que é em extremo pusillanime, assim como o de algumas cidades visinhas; e com effeito, os habitantes de Ispahan sempre tiveram fama de bons fabricantes de seda e de ruas soldados.

Quando Nadir-Shah voltou á Persia depois de haver invadido a India publicou uma proclamação concedendo a todos que tinham seguido o seu exercito, o voltarem para os seus lares. Contam que trinta mil homens, que eram de Ispahan e de algumas outras cidades, pediram ao monarca uma guarda de cento mosqueteiros, que os conduzissem a salvamento a suas mulheres e filhos. "Covardes! exclamou Nadir enfurado, quizera ser ainda salteador para ter a satisfação de vos esperar e roubar. Não devo ter por milagrosas as minhas victorias, disse elle para os que o cercavam, tendo tais poltronas no meu campo?"

Os habitantes de Ispahan, e os persas em geral são mahometanos da seita de Ali, e reputados herejes pelos turcos e árabes, que seguem a de Omar. A religião christã nunca medrou na Persia, apesar de irem lá muitas missões, e de ter estado uma d'ellas muito tempo estabelecida na capital. No arrabalde de Juſfa existe uma colonia de armenios, e nas montanhas outra de nestorianos, mas de pouca gente. Os armenios professam livremente a sua religião e celebram missa todas as semanas nas suas egrejas. Os judeus não são muitos na Persia, e os habitantes os despresam. Os parsios ou adoradores do fogo [Vid. Panor. N.º 29 pag. 229] não são tractados com menos rigor, e hoje dos discípulos de Zoroastro restam apenas famílias nas cidades de Kermann e de Jerd, porque os obrigaram a emigrar para a India ou a abjurar a religião de seus pais.

Os persas são supersticiosos em demasia, como os outros sectarios da fé mahometana; todos, desde o pobre camponez até o principe prestam fé illimitada ás predições da astrologia. Trazem sempre consigo amuletos e talismans, e um homem de alguma importância nada faz sem consultar os astros. Antes de abraçar uma resolução, de começar uma viagem, ou de vestir um vestido novo deve recorrer ao almanack e ao astrologo para descobrir o momento propicio.

Sir John Malcolm dá um exemplo desta superstição, em uma anedota de que o doutor Jakes, que residiu muito tempo na Persia, foi testemunha ocular.

Um embaixador persa que devia partir para a India, em 1806, foi informado pelo seu astrologo de que estava para haver uma favorável conjuncão dos astros que não tornaria a ter logar senão d'alli a muitos mezes. Como não podia partir logo, porque o navio que devia conduzi-lo, ainda não estava apparelhado, resolveu sair imediatamente da sua casa, situada na cidade de Bushire, para as tendas que mandá-

ra armar junto d'uma aldeia a cinco milhas de distancia. Entretanto descubriu o astrologo que não convinha deixá-lo sair pela porta da sua casa, nem pela d'um forte visinho, porque uma constellação infesta, posto que invisivel, estava d'aquelle lado, e seria de máu agouro a saída debaixo da sua influencia. Abriram portanto largos buracos n'uma parede da casa, e nas de quatro ou cinco visinhos, por onde saiu o embaixador para a rua com toda a sua comitiva. Foram d'alli á praia fretaram um barco, e andaram duas milhas por mar, dando sempre a popa á temível constellação; porém começando a agitarse as ondas hesitaram se deviam expor-se a um perigo real para se forrarem a outro imaginario. Neste dilemma pediram ao governador que lhes deixasse demolir parte da muralha, para que não perigasse uma missão de tanta importancia, e tendo obtido a licença, o que custava a acreditar, passou a cavalaria pela brecha outra vez para o seu arraial.

Faz-se digno de reparo que uma nação asiatica que presa tanto a pompa, e cuja imaginação é risonha, tenha adoptado vestidos de cores escuras e tristes. No tempo dos reis da dynastia antecedente usavam cores mais alegres, porém actualmente prevalecem a parda, a cor de azeitona, a verde, e a azul ferrete. Os seus principaes vestidos são: umas calças largas que passam além do artelho, uma camisa que se veste por cima das calças, e passa algumas pollegadas além do quadril; um vestido estreito que desce até o meio das pernas, eujas mangas chegam aos pulsos, e são abertas nos cotovelos; finalmente uma tunica que chega ao tornozelo, anda justa no corpo, e se abotoa d'um dos lados. Apertam a cintura com um cinto de eachemira, de fazendas communs do paiz, de chita ingleza, ou de cassa, o qual desenrolado tem ordinariamente oito varas de comprimento e uma de largura, e n'elle trazem um punhal ornado conforme os teres do dono, de sorte que o cabo de alguns é esmaltado e cravejado de pedras, o de outros simplesmente de ossos ou de pau. Na cabeça usam trazer uma gorra de pelle de cordeiro negro, a qual tem quasi pé e meio de altura: antigamente a involvia n'um chale, porém hoje só a um pequeno numero de pessoas é concedida esta distincão. Calçam no inverno grossas chinelas de laã, e agasalham as pernas com uma tira de panno que dobram em proporção do fio. As chinelas tem o bico revirado, e grandes saltos de ferro que são de pollegada e meia de altura, os quaes muitas vezes empregam como instrumentos de castigo, dando com elles na boca do offensor.

De ordinario usam poucas joias, excepto o rei que alardea um luxo extraordinario. Asseveram seus subditos, que quando o monarca, ataviado com todo o fausto está sentado ao sol, não podem os olhos sofrer-lhe o brilho deslumbrante. A seguinte passagem, relativa á recepção d'um enviado do governador geral das indias, confirmará o que fica dicto. "É cousa impossivel descrever o seu trajo. Era alvo o fundo dos vestidos, porém cobriam-nos em tanta copia joias de enorme grandeza, e o reverbero dos raios do sol realçava-lhes de tal modo o esplendor, que era difficilmente o distinguir as diferentes partes que contribuam para dar a toda a sua pessoa aquelle fulgor pasmoso e deslumbrante. Não existe talvez no universo um monarca que possua joias de valor igual ás do rei da Persia. Notam-se entre outras a *mão da luz*, que pesa perto de oitenta e seis quilates, e é tida pelo mais rico diamante do mundo; a *coroa da luna*, que tem de peso quasi cento e quarenta e seis quilates, é tambem uma pedra admirável. Ambas ellas formam o ornato principal d'um par de braceletes, avaliado em 25 milhões de francos. As pedras que adornam

a corda são tambem de grande bellesa, e immenso valor.

Fôra incompleta esta descripção do trajo dos persas se não entrassemos em algumas particularidades ácerca do principal ornato do seu rosto, que é a barba. Trazem elles a cabeça inteiramente rapada á excepção d'uma moutasinha no alto, e dois anneis atraç das orelhas; porém deixam crescer mais as barbas do que os turcos, de forma que lhes cobrem as orelhas e as fontes, e á custa de indizivel trabalho, repetido quasi de quinze em quinze dias as tingem de negro, preferindo para esta operação a occasião do banho quente.

Os habitantes de Ispahan, como os seus compatriotas em geral, são muito affaveis e urbanos; teem a imaginação viva, e facilidade no modo de exprimir-se. As pessoas de condição elevada apprendem todas as regras da civilidade. Nada pôde competir, diz sir John Malcolm, com essa civilidade, e nas horas consagradas ao traço social, desterradas as leis do ceremonial, é deliciosa a sua conversação. Infelizmente são tão dores e refalsados que para merecerem algum credito costumam jurar pela cabeça do rei, pela da pessoa com quem fallam, pela de seus filhos, e pela sua propria, e se não obstante todas estas juras não conseguem persuadir, chegam a exclamar algumas vezes. "Dai-me credito, que apesar de ser persa digo a verdade.

Os persas levantam-se antes de amanhecer, como as demais nações mahometanas, porque, segundo um preceito do Alcorão a primeira das cinco orações diarias do mussulmano deve ser repetida antes que o sol nasça. Começam por fazer, com a mão direita, as ablucões prescriptas pela sua religião, porque nunca empregam a mão esquerda senão nos misteres os mais vís. Depois desenrolam os tapetes e ajoelham, com as mãos juntas, postas sobre o peito, e com a cara voltada quanto é possivel para a sancta cidade de Meca, que é o seu ponto de adoração. Nesta posição fazem as suas resas, geralmente por entre os dentes, e tocando de espaço a espaço com a testa a terra ou antes o tapete. Concluido este acto importante tomam uma chavena de café, alguns doces, e comegam a cachimbar, porque os persas amam com excesso o tabaco, e fumam quasi sem interrupção desde que se levantam até o momento que se retiram para repousar. Ao meio dia fazem a segunda oração, depois da qual pôde o bom mussulmano, sem o menor escrupulo, satisfazer o appetite com um almoço mais substancial. A terceira genuflexão tem logar de tarde, a quarta principia logo que o sol se põe. O quinto e ultimo dever pio de cada dia, fica ao arbitrio de cada individuo o satisfazê-lo, com tanto que o cumpra antes de dormir de noite.

Os persas nunca entram em casa calçados, mas deixam ficar á porta os çapatos ou botas, o que provém principalmente do caracter sagrado que attribuem aos seus tapetes porque lhes servem para as orações; é mui raro que os estrangeiros recusem conformar-se com este uso. Consiste outro ponto da etiqueta persa em terem sempre a cabeça cuberta.

Presam muito a convivencia. A grande baratesa dos viveres e a abundancia dos fructos, permitem que os mais pobres cidadãos tenham bom passadio. O pão, os fructos, e a agua são os alimentos principaes das classes pobres, e a mesma comida das pessoas ricas é muito simples porque os seus cosinheiros ignoram essas invenções que tendem a excitar o appetite. Os doces e as conservas fazem parte importante dos seus banquetes, e é immenso o consumo destes artigos. Ha sempre grande concorrença nas lojas dos confeiteiros de Ispahan, onde os bolinhos es-

tão guardados em grandes vasos de porcelana ou crystal ou sobre brilhantes chapas de cobre. É prohibido aos persas, bem como a todos os mahometanos o comer carne de porco; igualmente lhes é vedado o uso do vinho, preceito a que todavia desobedecem; e como, segundo a sua expressão, tanto monta peccar por um copo como por uma garrafa, quando bebem é sempre com excesso.

A melhor descripção d'um banquete persa é a que fez Sir Roberto Ker-Porter d'um jantar que lhe deu o primeiro ministro do ultimo rei da Persia. "Concluida a ceremonia do recebimento, trouxeram os *kulisuns* [cachimbos] e veio o café em pequenissimas chavenas, sem assucar nem leite. Tornaram a recorrer aos cachimbos, e depois tomaram grandes chicaras de café; no fim de uma conversação de dez minutos deu signal o ministro para que trouxessem o jantar. Entraram então muitos domesticos com um comprido e estreito rolo de panno de algodão floreado, que estenderam por cima do tapete, diante dos concorrentes, que estavam ocupando os dois lados da sala. A esta toalha, se lhe cabe tal alcunha, dão o nome de *sofra*, e diz Mr. Morier, que se servem tanto tempo della antes de a trocarem por outra, que os fragmentos das diferentes iguarias alli se acumulam, e espalham um cheiro nada agradavel; mas os persas o aturam, pois assentam que é de mau agouro o mudar de sofra. Pozeram depois entre cada commensal um pão ou bolo delgadissimo, por modo de prato e de guardanapo; seguiu-se a isto o collocarem diante de cada par um açafate contendo dois vasos côvos com sorvete; cada um d'elles trazia uma colher de páu de exquisito e primoroso trabalho; duas escudellas d'um guisado, composto de arroz cosido em azeite ou manteiga, de aves cosidas com passas e um pouco de açafrao; dois pratos com talhadas de melão, outros dois contendo uma duzia de *kabobi* ou pedaços de carne assada nas grelhas, uma escudella com uma ave assada. Estando assim fornecida toda a sociedade, deu o dono da casa o signal de accometter, ordem que foi executada á risca, pois logo se curvaram todos, chegaram as caras ao ponto do ataque, e em um momento começaram os queixos a traballhar. Os persas encostavam a barba ás escudellas, e com muita destresa atiravam para a bocca com o que ellas continham, servindo-se de tres dedos além do pollegar da mão direita. "Devo dizer, continua o citado viajante, que nunca vi na minha vida um jantar mais calado nem outro em que mais alto soassem as castanholas dos dentes. Afigurava-se-me estar vendo uma fileira de respeitaveis quadrupedes com as cabeças mettidas nas mangedouras. Eu porém cada vez que desejava aproveitar a boa ração contida na minha, cada vez que forcejava por abocar um punhado de arroz, caia-me dentro das mangas, de sorte que depois de muitas tentativas, sempre baldadas, desisti de provar sequer os manjares mais saborosos, e contentei-me com um ou dois kabobs."

"Porém se os nossos compatriotas foram desazados na imitação dos habitos dos persas, estes patentearam não menor inhabilidade, quando movidos de nenhia civilidade, tentaram conformar-se com os usos europeus. Durante a embaixada de Sir Gore Ouseley em Ispahan o grão thesoureiro ou segundo ministro do rei convidou este fidalgo com todo o seu sequito para um jantar, que anunciaram seria semelhante a um jantar inglez. Eis aqui a descripção que d'elle nos dá Mr. Morier:

"Sobre muitas mezas toscas de diferentes alturas, dispostas á maneira de ferradura estavam amontoadas as diversas iguarias de que consta um banquete persa, não em symetria, que o seu numero o não per-

mittia, mas confundidos, de maneira que o cosido estava defronte do carneiro assado, os ovos ao lado das fritadas, e o arroz defronte de todos os pratos. Distribuiram a cada europeu uma faca, um garfo, uma colher, um guardanapo e um prato, mas os pobres persas não sabiam haver-se com tal trem. Uns empoleirados em altas cadeiras ficavam muito distantes das comidas, outros, pelo contrario estavam tão baixos que apenas chegavam com a cabeça á altura das mesas. Era um divertimento ver o seu acanhamento e falta de geito, e o despeito pintado no rosto dos mais golotões d'elles, que, por nos obsequiarem, se viam privados de se atolarem nas optimas iguarias que tinham diante de si.”

#### MOEDAS PORTUGUEZAS.

O CONHECIMENTO das medalhas e moedas de uma nação é um dos elementos importantes para o estudo da sua historia. “Os livros, diz o nosso Severim de Faria, depressa se consomem, se se não copiam, as fabricas e estatuas não passarão de um logar, e ahi mesmo acabarão, as pyramides e obeliscos, em que se esculpiram os hieroglyphicos mysteriosos, que continham as propriedades occultas, ja delles não ha memoria. Pelo que nenhuma coisa conserva tanto a antiguidade, como as moedas e medalhas, que pela incorrupção dos metaes perseveram perpetuamente, e pelo seu grande numero estão em toda a parte, onde representam os verdadeiros rostos, que tiveram os mais antigos principes, seus nomes, suas victorias, suas fabricas, e finalmente o valor de todas as coisas, porque todas elles se reduzem ao peso e valia das moedas.” — Estas observações justissimas nos induzem a publicar neste jornal uma serie de artigos sobre as moedas portuguezas, desde o principio da monarchia, dando noticia de todas as que correram entre nós em tempos antigos, depois que Portugal formou um reino á parte, sem exceptuar as coloniaes e as estrangeiras, que tiveram curso legal.

Este trabalho que intentamos é forçosamente imperfeito, e até por ventura cairímos em mais de um erro. Os entendedores nesta materia sabem que a historia das moedas é o objecto mais difícil de tractar de todas as nossas antiguidades: muito se tem escrito a este respeito, e parece que quanto mais se lê na materia, maior obscuridade se acha nella, e mais contradições se encontram nos escriptores, não só de uns com outros, mas ainda de cada um consigo mesmo. No meio deste dedalo procuraremos achar um fio; mas não sómos tão arrogantes que affirmemos segui-lo sem nunca nos enganarmos.

Quando ao conde D. Henrique foram dadas as terras de Portugal, os costumes e instituições mouriscas estavam necessariamente misturados e confundidos com os costumes e instituições dos povos christãos e de raça europea. Esta mistura de instituições e costumes ficou subsistindo para sempre; e não se isentou da lei geral o representante de todos os valores, o dinheiro.

A moeda principal da França, Alemanha e Inglaterra era já então a libra; e esta servia de unidade para todos os computos, como hoje ainda servem os francos entre os franceses, embora houvesse moedas de maior ou menor valor, que continham tantas vezes a libra, ou nella eram contidas. Estas livras receberam tal denominação, não de pesarem uma libra de metal, mas sim das antigas libras romanas, que sendo a principio realmente do valor e peso de 12 onças, nos ultimos tempos do imperio chegaram a pesar só uma. O conde D. Henrique, ou porque,

sendo frances trouxessem consigo esta especie de moeda, ou porque já a achasse correndo nos reinos christãos da Hespanha, introduziu logo o uso della nos seus novos estados.

Porém se esta moeda era de ouro ou de prata, ou se tão sómente de um dos metaes: se em Portugal se cunharam logo no tempo do conde ou de seu filho D. Affonso Henrques, é no que não concordam os nossos escriptores; affirmando uns uma coisa, outros outra: o que é certo é que dessas livras, se existiram, não aparece hoje uma só. Nunes do Leão diz as houvera de ouro desde o principio da monarchia, mas Leitão Ferreira impugna esta opinião com solidos fundamentos; e porventura Leão confundiu os maravedis ou dobras de ouro cunhadas por D. Sancho 1.º com as livras, que indubitavelmente se cunhavam já no tempo de D. Diniz, mas que segundo a opinião mais correcta eram sómente de prata, e, segundo o uso de França, serviam de termo de unidade, como hoje vulgarmente servem os cruzados, os quaes se tornaram moeda nominal, pelo aumento de valor que lhes deram, transformando-os em cruzados-novos.

Era pois a livra a moeda a que podemos chamar fundamental no sistema monetario da Europa; mas como dissemos este sistema veio nas Hespanhas confundir-se com o sistema monetario dos arabes, de que procederam os antigos maravedis.

Entre as moedas dos mouros da Hespanha havia tres especies das de ouro, a que os nossos escriptores dão o nome de dobras mouriscas, dobras validias, e maravedis. Foi esta ultima denominação que se tomou para as moedas de ouro de elrei D. Sancho 1.º, as mais antigas que nos restam, e a que os nossos escriptores vulgarmente chamam dobras de D. Sancho.

Os maravedis, dinheiro introduzido na Hespanha pelos Almoravides, e que servia entre os hespanhóes já muito depois da expulsão dos mouros para unidade do computo, o foi tambem entre nós, servindo-se os antigos nos seus contractos ora da unidade livre, ora da unidade maravedi, marabitino, morabitino, maravidil; que de todos estes modos se acha escripto, e dos mais, que se podem ver no Elucidario do P. Viterbo. [•]

Ainda que, como dissemos, os mais antigos maravedis de ouro que restam, são os de D. Sancho, parece estar fóra de duvida que D. Affonso Henrques tambem os cunhou, e que a estes se dava o nome de maravedis alfonsins, para os distinguir dos de D. Sancho, a que elle no seu testamento chama *morabitinos novos*. O nome de maravedis alfonsins, tambem se deu depois aos que mandou lavrar D. Affonso 4.º

Corriam, porém, ainda naquelle tempo os maravedis mouriscos, e os de prata, os quaes duraram por todo o seculo 13.º, e depois; mas com a denominacão de *velhos*, para se distinguirem dos *novos*; que então se cunharam com diferente peso e feitio. — Havia tambem os mosmodis, ou meios maravedis, que cremos era moeda unicamente mourisca.

Resumindo, pois, o que temos dicto, vê-se que havia duas moedas principaes no começo da monarchia, a libra que era de prata e de origem francesa, e o maravedi de ouro, de origem mourisca.

A libra dividia-se em soldos, que eram de cobre com alguma liga, segundo parece, de estanho, e 20 delles faziam uma libra. Cada um destes soldos, a que chamavam brancos, continha 12 dinheiros, os

(\*) Pozemos a origem mais seguida dos maravedis: mas é este ponto muito controverso: dão-se tambem muitas razões para provar que esta moeda era originalmente goda. Conta-se que o celebre Bochart estourára com uma apoplexia a indagar o quanto: não queremos que nos suceda o mesmo; nem moer com isso a paciencia dos nossos leitores.

quaes eram puramente de cobre, e por consequencia, pretos. [\*\*]

Já dissemos, pelo que respeita aos maravedis, que os havia de ouro e de prata. São estes ultimos de que fallam regularmente as escripturas do principio da monarchia. As subdivisões destas moedas não eram proprias, isto é, não havia cobre do sistema monetario mourisco, mas continham soldos e dinheiros, moedas que pertenciam ao sistema monetario frances. — Um maravedi de prata valia 15 soldos. Não nos foi possivel achar memoria do valor do maravedi de ouro em soldos e dinheiros, salvo o dizer o Dr. Manuel Barbosa, que em 1243 valia 108 dinheiros, absurdo que elle mesmo logo contradiz, asseverando que um maravedi de ouro valia duas libras e meia, o que equivale a 600 dinheiros; este valor é o que nos parece mais rasoavel attribuir-lhe.

De todas estas moedas a que ainda hoje existe é o maravedi de ouro de D. Sancho 1.<sup>o</sup> que em peso, e talvez em toque, nenhuma ou mui pouca diferença fazia dos maravedis mouriscos e dos alfoncins de D. Affonso Henriques. O seu tamanho é o que mostra a estampa que della damos. A lenda de uma parte é: *Sancius Rex Portualis* [Sancho rei de Portugal] e da outra *In nomine Patris et Filii, Spiritus Sancti Amen* [?] — [Em nome do Padre e do Filho, Espírito Santo. Amen [?]]



MOEDA DE OURO DE D. SANCHO 1.<sup>o</sup>

A maior curiosidade deste monumento é ser elle um argumento terrivel contra a origem suposta das armas portuguezas, em que se diz pozera D. Affonso Henriques os cinco escudos em memoria das cinco chagas de Jesu-Christo, e cinco arruelladas ou besantes, em cada um, em memoria dos 30 dinheiros porque Judas vendeu aos phariseus o Salvador do mundo; sendo de notar, que n'um seculo em que tanto se respeitavam todas as cousas que representavam uma idéa religiosa, logo D. Sancho menoscabasse a piedosa instituição do seu antecessor, na principal, e talvez unica, moeda que cunhou; o que tambem acontece nos sellos deste mesmo rei, e ainda nos do proprio Affonso Henriques, em que ha centenares de arruelladas nos cinco escudos, como veremos algum dia quando falarmos da Sfragistica portugueza. Mas voltemos ao nosso assumpto.

As moedas de que temos dado noticia são aquellas cuja existencia nos parece poder-se fazer remontar até o tempo de D. Affonso 3.<sup>o</sup>. Os escriptores que teem tractado deste objecto consideram geralmente como uma epocha numaria a que decorre do começo da monarchia até o de D. Fernando ou de D. João 1.<sup>o</sup>: daqui nasce notavel confusão, que procuramos esquivar para sermos entendidos.

Começaremos no segundo artigo por dar uma idéa do valor que tinham estas primeiras moedas portuguezas em relação ao valor das moedas actuaes, tomando para termo de comparação a libra de prata

(\*\*) Estas distincções de brancos e pretos, que acharemos frequentes vezes nas moedas posteriores, procediam de se adjuntar ou não, liga de estanho, ou talvez prata, ao cobre; o que não tinha ligação necessariamente mais escura ou preto.

e o maravedi de ouro, pelos quaes se achará facilmente o valor das outras moedas.

#### TROMBAS MARINHAS.

A TROMBA marinha é um dos phenomenos curiosos, que nunca foram explicados por um modo inteiramente satisfactorio, posto que na materia haja varias opiniões. Pensa-se communmente que a electricidade é a causa verdadeira dellas. Quem deu relação mais apurada das trombas marinhas foi Beccaria, que supõe provirem da electricidade os redemoinhos e furacões, acrescentando que as trombas marinhas no oceano correspondem aos pés de vento e redemoinhos em terra. Tem havido furacões que arrancaram arvores, derrubaram edificios, e até abriram cavernas na terra. Outros se tem visto accarretarem grande copia d'agua, e arrebatarem-na, produzindo uma especie de diluvio: estes pés de vento são sempre acompanhados de longo e prodigioso ruido. Beccaria, portanto os attribue á electricidade, bem como as trombas marinhas, o que elle intenta provar descrevendo as circumstancias que costumam acompanhar estas, e que são as seguintes.

“Ordinariamente apparecem quando ha calmaria. O mar comega como a ferver, saindo fumo da agua que fica por baixo da tromba, e erguendo-se e arqueando-se as vagas, como um monte, para ella. Ao mesmo tempo, em algum navio que esteja perto, ouve-se um ruido continuo.”

“A forma da tromba marinha é a de um portavoz, com o topo mais largo mettido entre as nuvens, e o mais estreito voltado para o mar.”

“O seu tamanho varia; e até a mesma tromba se faz maior ou menor. A cor ou é esbranquiçada, ou tirando a negra. Às vezes está a prumo, outras vezes obliqua, outras, emfim, forma uma curva. Em certas occasões desfaz-se apenas se forma; n'outras dura por largo tempo: viu-se uma que se conservou uma hora.”

“Que este phemoneno depende da electricidade muitas destas circumstancias o indicam; mas esta conjectura se torna muito mais provavel ainda por outros motivos.”

“Ellas aparecem geralmente nos mezes mais sujeitos a trovoadas, e são communmente precedidas, acompanhadas ou seguidas de relampagos, chuva, ou saraiva. Teem-se visto muitas vezes centelhas esbranquiçadas ou amarelladas faiçarem á roda dellas. E, ultimamente, o modo porque terminam parece-se exactamente com o que era d'esperar acontecesse prolongando-se para o mar uma nuvem carregada de electricidade. As aguas e a nuvem attraem-se mutuamente. Encolhem-se subitamente, e quasi ao mesmo tempo se derramam; subindo a nuvem, e caindo a agua, até ficar igual com o nivel do mar.”

“Mas a circumstancia mais notavel, e mais favoravel á suposição de que as trombas marinhas dependem da electricidade, é o desvanecerem-se em se lhes apresentando navalhas de ponta, ou espadas. Esta, pelo menos é a constante practica dos navegantes, em muitas partes do mundo, onde as trombas marinhas abundam. Quando aparecem pela proa de um navio, o costume é atirar-lhe um tiro, com o que imediatamente se desfazem, e caem, dando um longo e grandissimo bramido.”

*A maior planta.* — Não ha produçao nenhuma vegetal maior do que a bodelha (*macro-cystis-pyrifera*) especie de alga ou sargazo. Alguns navegantes

as tem encontrado de 500 a 1500 pés de comprido; contudo o seu tronco principal não tem mais grossura do que o dedo pollegar, e os seus ramos não são mais grossos do que um barbante.

#### AS TRES EVAS.

A SEGUINTE anedocia, relativa a um quadro que representava Páris dando o pomo a Venus, a mais bela das tres deusas emulhas na formosura, é contada com tal donaire pelo nosso F. Elísio, que não podemos resistir á tentação de a transcrever aqui.

“Tinha minha comadre Maria Pereira um painel em que estavam figuradas tres mocetonas, nuas como a palma da mão, e um rapagão em trajes de pastor, que offerecia uma maçã áquelle das tres, que mais tinha rostinho de *tauxia*, [como o Camões n'uma carta que escreveu da India, chama o rostinho d'uma lisbonense] que chia como pucarinho novo ao deitar-se-lhe agua. Sucedeu pois, [por tornarmos ao ponto] que vindo-a visitar um dia o padre Fr. José da Penha de França, primo em quarto ou quinto gráu de seu marido, que andava embarcado; depois que minha comadre lhe deu de almoçar, &c. estando ambos conversando á mão, acertou por acaso de olhar para o painel, de que nunca soube a significação.— Bem sei, disse ella, que são tres sanctas virgens, e talvez que martyres; mas não lhes sei os nomes; e reparo que não é uso pincetar as sanctas nuas; S. Sebastião sim, por que é um homem. Peccadoras vi eu já nuas; mas sanctas!... O padre pregador, depois de ter parafusado um pouco, respondeu, o pastor era o Dragão, que com o pomo enganara Eva no paraíso, que... “Mas, replicou minha comadre, Eva era só uma e não tres.”— O padre embatuçou, mas logo, com cara de frade retrucou.— “O pincor figurou n'esse painel Eva antes do peccado, Eva no peccado, e Eva depois do peccado; e assim as tres Evas são só uma. São pontos da Escriptura, que mulheres não devem esquadrinhar.”

#### UTILIDADE DAS FRUCTAS PARA A CONSERVAÇÃO DA SAUDE.

Um dos alimentos mais sadios, e mais adequados ás diversas edades da vida, é o que nos fornecem as fructas: são leves e de facil digestão, e produzem um chylo muito proprio para as funcções do corpo humano. Esta observação não tem replica, uma vez que os fructos sejam bem maduros, e de boa qualidade. Os que são insípidos, em geral, não são profícuos á saúde; os verdes, ou mal maduros, são mui nocivos, e occasionam molestias, principalmente ás pessoas d'estomago fraco, ou que os usam continuadamente. É de notar que os rapazes e as mulheres do vulgo teem singular predilecção pelos fructos verdes; e este gosto é um resultado da miseria e da ignorância. Porém os fructos bem maduros, comidos com pão, são um alimento salutífero, e que não altera a força, nem a saude, como está provado por experiencias repetidas. Ha fructos, que podem comer-se com abundancia, estando perfeitamente maduros, sem incommodarem; taes são, as uvas, as ginjas &c.; os outros não incomodam comendo-se sem excesso, e só até saciar a vontade. O que pôde prejudicar é tomar grande quantidade de fructos, quando o estomago está já carregado de carnes, ou outras iguarias. Ha contudo certos estomagos aos quaes não são tão convenientes os fructos; mas nunca lhes farão mal tomados moderadamente. A especie de relaxação, que nestes estoma-

gos produz o melão, o pecego, o damasco &c. remedia-se bebendo-lhe em cima um trago de vinho puro.

Em o nosso paiz é muito desprezada a arte de melhorar as arvores fructiferas, especialmente as de pêvide, como a pera, e todas as de caroço; quando é facil varia-las, e melhora-las pela transplantação, ou pela enxertia. Alguns proprietarios cuidadosos teem provado que nem só a qualidade do terreno, mas também a diligencia, influe para a acquisição de optimos fructos: era muito louvavel que estes proprietarios não fossem avaros de suas descobertas, e tivessem a generosidade de comunicar aos seus vizinhos o resultado de seus desvelos, porque nestas materias, que entre nós não são presentemente especulações de negocio, colheriam maior somma de gloria generalisando os seus aperfeiçoamentos, do que vale a mesquisha consolação de apresentar uma vez no anno uma pera, ou duas maçãs bem creadas, e de exquisito sabor. Quando o exemplo é dado francamente, aproveita e induz a que se imite; mas quando é furtivo, damna porque suscita a inveja. Desenganemo-nos, um dos maiores incentivos do aperfeiçoamento agricola é o exemplo dado pelos proprietarios opulentos, e a estes incumbe melhorar a cultura dos districtos que habitam; uma vez que a philantropia tenha entrada em seus corações. As medidas governativas, e os impulsos da imprensa desfalecem, quando não acham estes braços poderosos, que lhes prestem sincera coadjuvação. Daqui resulta a necessidade de ensinar, não o lavrador que encaminha o arado, não o pegureiro que vai guiando o seu rebanho, mas sim o possuidor de copiosos bens rusticos, para que conhecendo o valor de seus bens, aprecie ao mesmo tempo as vantagens que os melhoramentos da arte moderna lhes podem causar; e se esta educação não for meramente abstracta, mas também moral, elle quererá cercar-se de vizinhos, que o não importunem com sua miseria, nem o incomodem com sua inveja; e por isso quererá comunicar-lhe os seus descobrimentos, e aperfeiçoamentos. Mas para que tudo isto se consiga será necessário crear uma geração vindoura, extirpando-lhe primeiro do coração as sementes do egoísmo, que tanto teem lavrado em nossa era.

Voltando porém á salubridade dos fructos, copiaremos aqui uma passagem de Tissot, que por ser escriptor velho, ainda não perdeu o conceito de bom.

“Uma preocupação perniciosa, e ainda muito espalhada, é que os fructos são nocivos na dysenteria, e que a promovem, e augmentam. Isto é falsoissimo. Os fructos ruins, os fructos mal sazonados em annos mesquinhos, podem occasionar colicas, e ás vezes diarréas, muitas vezes constipações, doenças de nervos, ou da pelle; mas nunca dysenteria epidemica. Os fructos maduros de qualquer especie que sejam, principalmente os do verão, são verdadeiro preservativo desta molestia. O maior mal, que podem fazer, é dissolvendo os humores, principalmente a bilis, occasionar uma diarréa; porém esta isentará da dysenteria, que é uma evacuação de mucus, e sangue com dores intestinaes.”

O auctor acrescenta muitos exemplos para auctorizar a sua asserção; e testemunha a verdade com a sua experientia.

*O rei e o historiador.*— Fallando um dia o celebre Gregorio Leti com Carlos 2.º, d'Inglaterra, este lhe perguntou:— “Leti, ouvi dizer que escrevieis a historia da corte ingleza?”— Senhor, [respondeu Leti] ando ha tempo colligindo materiaes para essa obra. — “Tomai cuidado [disse o monarca] não vá o vosso

escripto offendre alguem." — Farei o que puder; [replicou o historiador]; mas nem un sabio como Salomão seria capaz de em tal assumpto evitar a offensa d'algum. — "Pois então, meu Leti, sêde sabio como Salomão, escrevei *proverbios*, mas não historias."

*Receita para envelhecer os vinhos.* — Uma receita mui simples pera envelhecer os vinhos abundantes de alcool consiste em encher garrafas, menos cousa de um copo, rollha-las, e mergulha-las até ao meio do gargalo n'uma caldeira contendo agua cuja temperatura se eleve até 60 graus do thermometro de Reaumur, e que se conserve neste estado durante uma hora. Tiram-se depois, e acabam de se encher. Os vinhos depois de terem soffrido esta operação parecem ter envelhecido dez a doze annos. Em logar do banho maria, pôdem-se expor as garrafas a um calor moderado, dentro d'um forno de coser pão, por espaço de perto de duas horas, porque o resultado é o mesmo.

**SADI** abandonou a sua patria, que os turcos assolavam, e viajou por quarenta annos. Os franceses de Tripoli o tomaram prisioneiro, e foi condemnado a trabalhar nos fossos e trincheiras. Foi resgatado por um mercador d'Alepo, que o casou com sua filha, dando-lhe em dote cem sequins d'ouro. Esta mulher era de mau genio, e dava-lhe frequentes desgostos. Um dia que Sadi se queixava, a sua esposa lhe bradou: — não te lembras que meu pae te resgatou por dez peças d'ouro? — Sim [tornou o marido]; mas vendeu-me depois por cem sequins.

Este sabio tinha um amigo, que foi nomeado para um grande cargo, e logo todos concorriam a dar-lhe os parabens. "Não vou eu [disse Sadi]; as turbas o procuram agora em rasão da dignidade; irei quando elle for dimittido, e então julgo que irei só.

Fariamos um longo artigo se quizessemos transcrever as maximas de saã moral deste philosopho asiatico; mas como em nossa linguagem corre uma colleção de suas fabulas vertida pelo Sr. Francisco Freire de Carvalho, contentar-nos-hemos de referir a seguinte. "Passeava um dia com um amigo pela maior força do calor, á sombra d'arvores frondosas, que nos defendiam dos ardores do sol: por alli corria um placido regato; e a frescura da relva convidava a repousar. Eu vi um homem injusto, que dormia descansadamente estendido sobre a verdura.—Oh meu Deus, como a lembrança das desgraças, que tem causado, não perturba o repouso do iniquo, e oppressor? — O meu amigo me ouviu, e respondeu: *Deus concede o sonho aos máus para que os bons gozem de algum descanso.*

*Destruição dos persevejos.* — Deve-se a Mr. Pournel uma receita simplicissima para destruir os persevejos, descuberta por acaso, e fundada na attracção que a planta vulgarmente chamada mastruço bravo (*Lepidium ruderale*) exerce sobre estes insectos. Alguns pedaços seccos desta planta que se puzeram n'uma alcova infestada de persevejos cobriram-se d'elles; quasi todos estavam mortos, e os que ainda viviam estavam em tal estado de turpor, que foi possivel deitá-los no fogo, sem que um só conseguisse evadir-se. Se experiencias repetidas confirmarem este facto, ver-se-ha livre a humanidade d'um verdadeiro flagello.

#### ETYMOLOGIA DE JUNHO.

ESTE mez, o quarto no primitivo calendario romano,

era dedicado á deusa Juno, d'onde lhe proveio o nome; Romulo ordenou fosse de trinta dias; Numa o reduziu a 29, e quando Cesar reformou o calendario tornou a restituir a Junho o dia que Numa lhe tirara. Foi desde então que elle ficou sendo o sexto mez em logar de quarto que até ahi era. Os antigos, que tudo reduziam a imagens sensiveis, representavam Junho na figura d'um mancebo cuberto com um manto de cor verde escuro, coroado de varios emblemas, e com um cesto de fructa mettido no braço, tendo na mão uma aguia.

#### SEMANARIO HISTORICO.

Annos  
de  
J. C.

Junho 10

1720 — Erupção do volcão da ilha do Pico. A inundação do fogo cobriu uma legua em quadro. — Cinzas e pedras foram cair na ilha de S. Jorge na distancia de oito leguas.

11

1242 — O Mestre de Santiago D. Paio Peres Correia toma aos mouros a cidade de Tavira.

1294 — Morte do monge Rogerio Bacon, a quem se attribue vulgarmente a invenção da *camara obscura*, de que outros dão por inventor a João Baptista Porta. Dizem que já conhecera a composição da polvora e o telescopio.

1557 — Morre em Lisboa elrei D. João 3.º, nascido a 6 deste mesmo mez em 1502. Reinou 35 annos. No seu reinado começo a decadencia da monarchia portugueza.

12

1360 — Nasce no logar do Bom-Jardim juncto á villa da Certaã D. Nuno Alvares Pereira, depois condestavel de Portugal.

13

1642 — Publica-se em Lisboa o tractado de paz e aliança com a Inglaterra.

14

1800 — Batalha de Marengo em que Napoleão derrotou os austriacos. No mesmo dia [1807] foi a batalha de Friedland, em que elle derrotou os russos.

15

Neste dia começa regularmente o maravilhoso crescimento do Nilo. Da exata altura e quantidade da inundação depende a abundancia ou a escacez dos fructos e cereaes no Egypto. Se o rio com effeito toca a raia prescripta, os egypcios celebram este dia com festas pomposas e regosijos publicos.

1826 — É abolido o terrivel corpo dos janizarios, pelo sultão Mahmud.

16

1550 — Morte do celebre D. Pedro de Menezes, capitão de Tangere. Tendo saído com oitenta cavalleiros contra tres mil dos mouros, foi morto; porém deixando sua morte bem vindada, e obrigando os inimigos a retrocederem.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.º 39 — D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.